

IDENTIDADE INTERDISCIPLINAR NA LITERATURA FEMININA INDÍGENA LATINO-AMERICANA

INTERDISCIPLINARY IDENTITY IN LATIN AMERICAN INDIGENOUS
WOMEN'S LITERATURE

IDENTIDAD INTERDISCIPLINAR EN LA LITERATURA FEMENINA INDÍGENA
LATINOAMERICANA

Miranilde Oliveira Neves¹, Júlio César Suzuki²

DOI: 10.54899/dcs.v23i94.6695

Recibido: 14/07/2026 | Aceptado: 12/08/2026 | Publicación en línea: 19/08/2026.

RESUMO

A análise da identidade feminina indígena na literatura latino-americana, a partir dos contos *Minha Pedra Verde*, de Eliane Potiguara e *No he vuelto a escuchar los pájaros*, de Vicenta María Siosi Pino constitui o objeto desse artigo. O objetivo foi compreender como essas narrativas contribuem para a afirmação identitária e como se configuram como produções interdisciplinares. A metodologia adotada foi qualitativa, de caráter bibliográfico e interpretativo com base em teorias decoloniais e da interdisciplinaridade. O desenvolvimento estrutura-se em três eixos: identidade como memória coletiva e corpo-político (Potiguara), identidade e subjetividade *Wayuu* (Siosi Pino) e a construção de diálogos interdisciplinares entre as autoras. Conclui-se que tais narrativas contribuem na luta pela resistência e re-existência, rompendo fronteiras disciplinares e fortalecendo a literatura indígena feminina como espaço de afirmação política e cultural.

Palavras-chave: Identidade. Interdisciplinaridade. Literatura Feminina Indígena.

ABSTRACT

This article examines indigenous female identity in Latin American literature, focusing on the short stories *Minha Pedra Verde* by Eliane Potiguara and *No he vuelto a escuchar los pájaros* by Vicenta María Siosi Pino. The objective was to understand how these narratives contribute to the affirmation of identity and how they function as interdisciplinary works. The methodology adopted was qualitative, bibliographic, and interpretive in nature, based on decolonial and interdisciplinary theories. The analysis is structured around three themes: identity as collective memory and the political body (Potiguara), *Wayuu* identity and subjectivity (Siosi Pino), and the construction of interdisciplinary dialogues between the authors. We conclude that these narratives contribute to the struggle for resistance and re-existence, breaking down disciplinary boundaries and strengthening indigenous women's literature as a space for political and cultural affirmation.

¹ Doutora em Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), Castanhal, Pará, Brasil. E-mail: miranilde.oliveira@ifpa.edu.br

² Doutor em Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: jcsuzuki@usp.br

Keywords: Identity. Interdisciplinarity. Indigenous Women's Literature.

RESUMEN

El objeto de este artículo es el análisis de la identidad femenina indígena en la literatura latinoamericana, a partir de los relatos *Minha Pedra Verde*, de Eliane Potiguara, y *No he vuelto a escuchar los pájaros*, de Vicenta María Siosi Pino. El objetivo era comprender cómo estas narrativas contribuyen a la afirmación de la identidad y cómo se configuran como producciones interdisciplinarias. Se adoptó una metodología cualitativa, de carácter bibliográfico e interpretativo, basada en las teorías descoloniales y de la interdisciplinariedad. El desarrollo se estructura en tres ejes: la identidad como memoria colectiva y cuerpo político (Potiguara), la identidad y la subjetividad *Wayuu* (Siosi Pino) y la construcción de diálogos interdisciplinarios entre las autoras. Se concluye que dichas narrativas contribuyen a la lucha por la resistencia y la re-existencia, rompiendo las fronteras disciplinarias y fortaleciendo la literatura femenina indígena como espacio de afirmación política y cultural.

Palabras clave: Identidad. Interdisciplinariedad. Literatura femenina indígena.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu a partir das leituras dos contos: *Minha Pedra Verde* de Eliane Potiguara e *No he Vulto a Escuchar los pájaros* de Vicenta María Siosi Pino – Duas leituras que dialogam com uma literatura comprometida com a decolonialidade e que se conectam com diversas áreas, dentre elas: Literatura, Educação, Direito, Política e Ativismo Social. O objetivo central foi compreender como os contos das referidas autoras contribuem para a afirmação identitária feminina indígena e em que sentido podem ser considerados interdisciplinares. O texto seguiu uma metodologia qualitativa, de caráter bibliográfico e interpretativo com base em teorias decoloniais e da interdisciplinaridade.

A poética indígena, ao mesmo tempo em que fascina e valoriza a cultura nativa, traz em seu bojo, um histórico de denúncia social e reafirma as vozes dos povos originários, silenciadas por muito tempo. É sob esse viés, que deixamos ressoar nesse artigo, as vozes de Eliane Potiguara (escritora, poetisa e ativista indígena brasileira de destaque internacional) e Vicenta María Siosi Pino (uma das principais representantes da literatura indígena feminina na Colômbia, pertencente à comunidade *Wayuu*).

A escolha pelas duas escritoras se deve à grande representatividade no campo da

resistência, a partir das suas produções literárias, em especial, nos dois contos escolhidos para a análise, pela luta em prol da igualdade de gênero, das questões que vão além das discussões de gênero, como o epistemicídio, por exemplo, e pelo fato de que ambas possuem uma aproximação temática no que tange, dentre outras categorias, à memória e à identidade, ou seja, partem das suas próprias histórias de vida e das vivências em suas comunidades, para representarem em suas obras, esse contexto de luta, em contraposição à visão colonial, que sempre ignorou os saberes tradicionais nativos e construiu uma literatura que descreveu e narrou a nossa história, forjada pelo pensamento europeu.

Os destaques para a literatura indígena escrita datam dos anos 1990, mas a literatura nativa oralizada, já existe desde que esses povos nasceram (Thiél, 2012). Nesse contexto, Bernd aponta, magistralmente, o papel da literatura na construção identitária das minorias e, ressalta que a identidade é, “indissociável da narrativa e consequentemente, da literatura, permitindo que se tragam as questões literárias para o centro do debate que anima as ciências humanas neste final de século: o debate identidade/alteridade” Bernd (2024, p. 87).

Outra motivação para a escolha das escritoras evidenciadas nesse estudo, deve-se ao fato de que elas apresentam relevância no cenário acadêmico, servindo, hoje, como referências para várias investigações científicas, o que permitirá dialogar com as teorias pós-coloniais e decoloniais.

Investigar, portanto, a literatura indígena no universo latino-americano, a partir desse olhar feminino autêntico e necessário de duas mulheres indígenas, demonstra o quanto é válido aproximar essa construção literária entre Brasil e Colômbia, que se arquiteta, reafirmando as suas subjetividades e que permite a elas serem as *próprias porta-vozes* das suas histórias, como destaca Dorrico (2018), ao descortinar as agruras e perdas que a literatura indígena já sofreu, desde o período da literatura da informação, com a Carta de Pero Vaz de Caminha.

Então, o que *Minha Pedra Verde* de Eliane Potiguara e *No he vuelto a escuchar los pájaros* de Vicenta María Siosi Pino nos ensinam sobre a afirmação da construção identitária da Literatura Indígena Feminina e o que trazem de interdisciplinar? É o que veremos a seguir. Iniciaremos com a análise do conto de Potiguara, a fim de verificarmos a construção da identidade como memória coletiva e corpo-político (o conto traduz fortemente essas duas categorias) e logo após, passaremos à análise do conto de Siosi Pino, a qual traz com veemência a subjetividade do povo *Wayuu*, no caso deste conto, considerando o contexto das relações matrimoniais e costumes fortemente marcados pela ótica do patriarcado. Para finalizar, refletiremos sobre possibilidades

de se estabelecer uma conexão interdisciplinar entre os contos das duas escritoras.

ELIANE POTIGUARA – IDENTIDADE COMO MEMÓRIA COLETIVA E CORPO-POLÍTICO

Dentre os vários contos autobiográficos de Eliane Potiguara, *Minha Pedra Verde*, retirado do livro: *WAYRAKUNA - Polinizando a vida e semeando o Bem Viver*, coletânea organizada pelas escritoras Kayapó, Lima-Payayá e Schubert-Tupinambá (2023), foi selecionado para essa análise, a partir da veracidade latente da luta pela construção identitária dessa guerreira destemida, por trazer de maneira evidente a memória coletiva e representar a sua visão política e de vida de maneira clara e com aspectos nítidos de resistência.

Desde o início da nossa História, as mulheres demoraram a ter acesso à escrita. Hoje, evoluímos, mas ainda há um terreno fértil a ser preenchido. Dados do IBGE 2022 mostram que houve um aumento da alfabetização de indígenas, entretanto, mesmo com esse aumento, as mulheres e os idosos ainda estão entre os que mais sofrem com o analfabetismo – isso nos faz perceber, o quanto é importante ter uma literatura genuinamente escrita por mulheres – uma história de vida contada da parte de quem sofreu com o processo colonial e não de quem colonizou, portanto, valorizar a cultura indígena é fundamental para a conservação das práticas culturais e do grande patrimônio – as línguas, as quais de acordo com o Censo de 2022, apesar das que se perderam, ainda são 295 distribuídas em 391 etnias no Brasil. (IBGE, 2022).

O conto narra as dificuldades pelas quais Potiguara passou. Ela consegue envolver o leitor em uma leitura dialógica, pois em todos os momentos, sentimos suas dores, angústias e desejo de mudança. *Jamais se conformar com as desigualdades que assolam o país* – esse foi o lema que senti, lendo o conto. Não é sobre ela – é sobre o Brasil. Apesar de Potiguara, nesse conto, deixar nítida parte de sua história de vida, pode-se dizer que se trata de identidades outras que podemos ter representadas no feminino latino-americano, são as marcas que fincaram na Nossa Terra, no Nosso Povo. No conto, ela representa de maneira lúcida e esclarecedora todas essas questões, mas acima de tudo: a força da mulher brasileira.

Minha Pedra Verde inicia exatamente com a descrição da chegada da autora ao mundo, no dia 29 de setembro de 1950 e como ela escreve: “dia do protetor dos Potiguara” em um bairro pobre do Rio de Janeiro (Potiguara, 2023, p.135). Um traço marcante de sua história de vida e que ela faz questão de destacar nesse conto, é o analfabetismo dos pais, dos avós, tios e tias, ou

seja, toda a família. A esperança da família era de que ela aprendesse a ler e escrever e assim aconteceu: passou a ser a porta-voz da avó na escrita de cartas. Era ela quem lia as cartas que chegavam e escrevia as que seriam enviadas aos parentes.

Potiguara relata que sempre se questionou sobre o que seria a pobreza – percalço difícil que ela passou em toda a infância e como ninguém respondia, passou a investigar sozinha. É quando ela destaca no conto:

Criei meu próprio muro e, do lado de cá, comecei cedo a eleger e me relacionar com o bem, com a paz e a justiça. E elegi esses dons como bandeiras por toda uma existência. Elegi também a palavra como minha arma, aquela que se atira ao vento, que flutua e ecoa nos ouvidos e espíritos humanos. (Potiguara, 2023, p. 136).

O trecho acima, é bastante representativo da trajetória que Potiguara trilha até hoje. Quando a autora relata que elegeu o bem, a paz e a justiça como bandeira de existência, evidencia a aversão à violência sofrida desde a infância, a qual é relatada, tanto nesse, quanto em outros de seus contos. É importante notar que ao eleger esses bens, ela nos conduz ao caminho da luta social com ética e verdade, que sempre destacou na vida e em seus relatos. Significa a luta pela igualdade e pela segurança transpassados pelo poder da palavra – como Potiguara deixa nítido ao final dessa citação. É essa palavra, que modifica, que transforma vidas, que muda histórias – que ela marca em suas potentes obras.

Corroborando com o filósofo francês Paul Ricoeur, Zilá Bernd (2024), destaca que ao narrar, já se inicia um processo de construção identitária, pois a identidade é marcada doravante às histórias que contamos. De acordo com a autora,

a partir dos anos 1960, quando se passa do conceito de identidade individual ao de identidade cultural (coletiva), o conceito de identidade torna-se recorrente no domínio dos estudos literários, a partir do momento em que as literaturas minorizadas no interior dos campos literários hegemônicos recusam a classificação de literaturas periféricas, conexas e marginais e reivindicam um estatuto autônomo no interior do campo instituído. (Bernd, 2024, p.87).

É exatamente essa passagem da ideia de identidade individual para coletiva, que nos interessa na análise dos contos de Potiguara e de Siosi Pino, a qual possibilitará compreender com maior exatidão o processo de interdisciplinaridade que marca, não apenas a trajetória da Literatura Indígena, mas também outros momentos e passagens nas mais diferentes áreas, envolvendo estudos com comunidades que precisam ser compreendidas em suas complexidades e desenvolvimento social, histórico e cultural, afinal, é impossível se compreender a identidade,

a partir de um único viés e também considerarmos que temos apenas uma identidade. A própria Potiguara declara abertamente que possui diversas identidades: “Apesar de ter nascido com várias identidades, a que eu mais gostava era a de ser interplanetária” (Potiguara, 2023, p. 136). Aqui identidade com foco na cosmologia, na interconexão entre a Terra e outros planetas, no respeito às ancestralidades. Essa é uma das identidades marcantes na Literatura indígena e que se coaduna à resistência ou re-existência.

Minha Pedra Verde traz de uma maneira determinante, a identidade como Corpo-Político – essa categoria se revela, dentre outros momentos, quando ela destaca que

Toda mulher quer ser mulher, porque ser mulher é também contribuir com a ética para o crescimento da Humanidade, principalmente quando ela busca não perpetuar a cultura dominante e secular que impõe padrões preconceituosos na criação dos filhos e filhas. Toda mulher quer ser mulher por perceber a luta pela igualdade de gênero, principalmente quando ela trabalha para isso na nova sociedade, no cotidiano de sua vida, nas relações com o esposo, os filhos, filhas, irmãos, irmãs, parentes e amigos. (Potiguara, 2023, p. 141).

Há características evidentes da decolonialidade nessa passagem do conto. Nota-se, claramente que Potiguara desafia a cultura dominante e de certa forma, convoca outras mulheres a fazerem o mesmo. Não é a luta de uma – é luta de todas nós. Quando ela destaca: “não perpetuar a cultura dominante” nos convoca a mudar, enquanto é tempo ou para quem já entrou na batalha, continuar lutando. É uma convocação para a fuga da marginalização e do preconceito. Ao citar: “luta pela igualdade de gênero” nos direciona para tomarmos alguma iniciativa. Logo, ela nos adverte que a luta pela igualdade começa na própria casa e depois se estende para os demais espaços.

É tão intensa a luta das mulheres e mesmo assim, em vários casos, se faz uma luta silenciosa e é isso que Potiguara nos desafia: a não aceitar ideias deturpadas e inaceitáveis socialmente – isso é evidenciado nesse trecho:

Eu convoco homens e mulheres – cidadãos, cidadãs do mundo – a refletirem sobre a ideia errônea de que as mulheres são exemplos de estereótipos de santas, anjos ou demônios. A mulher é sagrada, sim! Porque ela dá a vida, assim como a natureza é sagrada por prover vida. Mas a mitificação da mulher pelo homem, causa estragos, desvios comportamentais, pornografias, culturas dominantes, atos selvagens contra o sexo feminino, como vemos nos outros países e, inclusive, no Brasil. (Potiguara, 2023, p. 142).

O trecho por si só, já é bem representativo da mensagem que apresenta. Potiguara não

almeja lutar sozinha e sabe que essa é uma guerra que só alcançará força por meio da união de homens e mulheres – todos precisam se conscientizar de que não devemos manter vívida a ideia inóspita de que a mulher representa *o sexo frágil* – como querem determinar alguns. É um convite para a desconstrução de estereótipos binários, pois se

pararmos para analisar, essa personificação de *anjo ou demônio*, por exemplo, apenas desqualifica a mulher e já pressupõe que se ela não for um anjo, é porque possui qualidades demoníacas e deve ser marginalizada, ser passível de alguma punição – como nas obras barrocas, em que se delegava a culpa do pecado à mulher: “Sois anjo que me tenta e não me guarda” (Guerra, 1997, p.28) de Gregório de Matos, por exemplo, ao descrever a figura paradoxal de Dona Ângela – não é essa visão de mulher idealizada sob ironias e metáforas desfavoráveis que almejamos e nem precisamos ter.

O papel inverso dado à mulher é inaceitável: anjos guardam, mas a mulher descrita por Gregório faz as vezes de um demônio: “me tenta” – é por binarismos como esse que Potiguara levanta a voz e se posiciona contrariamente. Nota-se, assim, a força do patriarcado e como ainda é reproduzida hoje em diferentes momentos e ambientes. Potiguara tenta se ancorar na natureza, para explicar a sacralidade da mulher. E é exatamente essa mitificação da mulher que termina por gerar violência, como destaca a autora, porque a partir do momento em que se eleva a mulher à categoria de ser inalcançável, angelical, retira-se dela a humanização e é essa ideia que facilita o *slogan* de mulher como uma simples objetificação.

Para Potiguara, a Pedra Verde – ideia de onde surgiu o nome dado ao conto, representa, exatamente, os primeiros momentos, as primeiras ideias de avaliar o espaço, as pessoas, as ações e perceber que é possível fazer uma viagem no tempo e não aceitar a versão da História apenas sob uma ótica. Ela era, caro, leitor, uma pedra de uns 20cm que a avó de Potiguara a entregou, quando ela ainda tinha seis anos e ao ouvir as histórias, como afirma em suas próprias palavras: “Essa pedra era a extensão cosmológica de nossa cultura indígena, o lado que não se podia tocar: era a história, o lado imemorial, o transcendental, o espiritual possivelmente, a essência de nossas vidas” (Potiguara, 2023, p. 136).

Aprendemos, então, que assim como ela via o mundo pela pedra verde, recriava o próprio mundo e se empoderava a partir de todas as vivências e lutas, temos assim, um exemplo de memória coletiva que representa a população indígena e está cada vez mais viva pelos debates, intensificação das pesquisas e liberdade de expressão – se antes, as nossas mulheres não podiam escrever, hoje, é hora de aproveitar cada momento e se engajar, firmando a nossa bandeira de luta

pela igualdade social e de gênero.

VICENTA SIOSI PINO – IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE WAYUU

Pertencente ao povo *Wayuu*, Siosi Pino, apresenta um leque importante de material, a respeito da cultura, identidade, costumes e trajetória de seu povo. Um dos motivos que nos motivaram a escolher Siosi Pino para estabelecer esse diálogo com Potiguara, dentro desse viés decolonial, foi exatamente, o fato de que ambas focam em resistência, ancestralidade, identidade e também o fato de que em mais de 30 anos de escrita, Siosi Pino, apesar de todo o histórico de escrita em defesa da mulher indígena, ainda não ser reconhecida no Brasil e em seu país esse reconhecimento entre seu povo colombiano, não possui muito tempo.

O livro *No he vulto a escuchar los pájaros* possui três contos, um deles – que leva o nome do livro, é o que trataremos aqui. Diferente do conto que analisamos de Potiguara, o conto não representa uma autobiografia, entretanto, traz a real história das tradições do povo *Wayuu*, em especial, sobre costumes relacionados à entrada das meninas na vida matrimonial. Durante o conto, vamos perceber várias passagens em que a luta pela igualdade de gênero é nítida; ao mesmo tempo, perceberemos o quanto são expostas as subjetividades da mulher *Wayuu*.

Ainda na apresentação do livro, feita por Ortiz Rodríguez, docente de Literatura Indígena Contemporânea da Universidad del Valle, já tomamos ciência de que até os anos 1990, a Literatura Indígena *Wayuu* era dominada pelo sexo masculino e esse monopólio foi vencido por Siosi Pino – quando ela passa a se posicionar como uma importante escritora de La Guajira – Colômbia.

O conto inicia descrevendo a beleza de uma moça a quem todos na comunidade apelidavam de “Bonítica” (Bonita) e diz o conto que a sua formosura era tão grande, como o cantar dos pájaros. O conto continua narrando o momento em que se tornou moça e o ritual de purificação.

O texto revela como foi difícil a jovem moça enfrentar seus medos e o mundo, o momento em que se tornou mulher, seus anseios e descobertas de si e de seu corpo, desde quando narra a sua primeira menstruação e o acompanhamento de ações que vão ocorrendo em seu corpo e em sua comunidade, nos mostram registros de quem sofria, inicialmente, calada, temores de uma menina-moça – como fica claro nesse registro: “Uma noche sentí la tibieza de la primera menstruación empapando mis muslos y tuve ganas de llorar. Desde esse momento y durante um

año dormí sola em el rancho de mi abuela, bebendo aguas depurativas de la piachi y comiendo mazamorra”. (Siosi Pino, 2021, p. 14).

Encandeada a essa passagem de menina a moça, retratada acima, seu pai chega com a notícia de que ela irá se casar em breve e que o noivo logo viria trazer o dote (costume da época). Ela só tinha 14 anos e o noivo 50. É quando ela declara que “...allá a dentro sentí caer em um abismo sin fin”. (Siosi Pino, 2021, p. 14). A partir daquele momento, para ela, todos os dias se transformaram em noite. Sentia muita vontade de fugir, mas se prendia às leis matrimoniais. Entretanto, um dia, o desejo foi tanto que ela não resistiu e fugiu. Saiu correndo e não via pela frente nem mesmo as cobras corais; a única certeza que tinha, era a de que não queria se manter presa àquele homem, mas a pesar de seu esforço, o próprio pai a pegou pelos braços e a levou de volta ao esposo. Essa cena é bem representativa do patriarcado, das leis regidas pelo ponto de vista do homem – a mulher fica em uma posição de submissão. Sua voz não é ouvida, seu desejo é violado. Maeda explica bem esse fenômeno ao expor a influência da colonização na estrutura social brasileira. Para ela “O elemento latino estaria contido, sobretudo, na longa e violenta dominação dos colonizadores, a qual ainda tenta encobrir a influência dos elementos ameríndios”. (Maeda, 2022, p. 350).

A pesquisa de Maeda se relaciona com a continuação da história de “Bonitica”, quando esta relata que a felicidade de seu esposo era cortar cana, mas não ganhava o suficiente para que ela tivesse o mínimo necessário. Ao contrário: ela passou muita fome. Tanta fome, que doía constantemente a cabeça e o estômago. Um dia, porém, ela encontrou uma indígena *Wayuu* com uma panela cheia de verduras podres e esta contou a ela que pegava comida no mercado e assim, ela passou a andar pelo mercado para pegar restos de alimentos. Chegou a trabalhar no mercado, ganhar algumas batatas, cebolas... às vezes trabalhava em troca de pelo menos algumas verduras e legumes que dessem para fazer uma sopa. Essa passagem mostra a humilhação social que esta adolescente passou e tudo para cumprir as leis do matrimônio – um matrimônio do qual ela não escolheu o marido e nem tinha ideia do triste fim que a esperava.

Um dia ela teve um bebê e sentiu-se extremamente triste, pois continuou a passar fome e descaso por parte do marido. Uma vizinha, às vezes, lhe dava algo para comer. Quando o bebê ainda estava no colo, ela teve outro – uma mulher a questionou: “por que não para?” Ela não respondeu, mas na verdade, é porque não sabia como parar. Ao nascer o terceiro bebê, ela já não tinha alguns dentes. Um dia, a sua avó morreu e no velório, ela encontrou as primas que ainda não tinham casado. Ficou extremamente envergonhada, pois todos a humilharam e a chamaram

de feia e envelhecida – é só nesse momento em que ela se olha no espelho e se reconhece. Com os olhos infinitamente tristes, a boca murcha, cabelos estragados, ela faz a seguinte declaração com a qual finalizamos o conto:

Corrí con todas mis fuerzas ¿Huyendo de quién? De la ley me dije; ella ya hizo uso de ti, contestó una bandada de gallinazos y corrí más y mientras corría recorde que ya no me alegraba recoger cerezas, ni había vulto a escuchar los pájaros del mundo cantando en la aurora de los Wayuu, y con un dolor oprimiéndome el pecho tuve la certeza de haber muerto la noche en que un hombre de medio siglo se posó sobre mí. (Siosi Pino, 2021, p. 19).

O conto termina e o leitor se questiona: onde está a identidade feminina? O texto deixa clara a aniquilação da menina, que de sorridente e feliz passou a esvair-se em tristeza e nas próprias palavras: morreu. Impactante a violência de gênero retratada – ela não queria casar, mas anulou-se para cumprir a lei e manter as tradições familiares. Muito simbólico o nome do conto, pois quando ela ouvia o canto dos pájaros, sentia-se livre e em conexão com a natureza, era alegre, mas ao final, já não sentia prazer em ouvir o cantar dos pássaros, pois seus dias se tornaram os piores da vida – que vida? O que houve, na verdade, foi uma anulação dela como sujeito. Podemos dizer que houve o apagamento da sua identidade, a partir do momento em que foi forçada a se casar.

CONEXÃO INTERDISCIPLINAR ENTRE POTIGUARA E SIOSI PINO

Antes de adentrarmos na conexão entre as duas obras escolhidas para reflexão nesse texto, convém relembrarmos o conceito de interdisciplinaridade e como ele se alinha à Literatura Indígena no contexto Latino-americano.

De acordo com a escritora Ivani Fazenda, a interdisciplinaridade surgiu para responder questões de ordem social, política e econômica, reivindicadas por movimentos estudantis. No Brasil, chegou apenas na década de 1960 e se incorporou na nossa Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB e nos antigos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – naquele momento, percebeu-se que disciplinas ou áreas de saber isoladas não seriam tão eficazes, quanto a união de diferentes áreas para uma prática educativa mais efetiva. (Fazenda, 1994).

Podemos dizer que o processo interdisciplinar nasce com foco na compreensão de algum fenômeno e aqui abrimos caminho para entender que no contexto da Literatura Indígena, a interdisciplinaridade se alinha na tentativa de compreender a história, a cultura, a ancestralidade,

as memórias, ou seja, ela já possui esse foco e pode-se, inclusive, dizer que não há possibilidade de se afirmar que os estudos literários podem ser compreendidos de maneira isolada. Ao contrário: eles se constroem em comunhão e dentro de contextos próprios – caso da Literatura Indígena.

Edgar Morin é um dos autores que defendem a aplicação da interdisciplinaridade na escola. Segundo o autor, ela é importante porque os saberes são compartimentados, mas os nossos problemas são globais, logo, não há sentido em se defender um saber avulso, isolado. Dessa forma, é preciso implementar a cooperação, pois ser interdisciplinar, é abrir-se para a cooperação e essa é uma característica muito presente na Literatura. O próprio Morin admite que é difícil estabelecer a intercomunicação entre as ciências, mas

Devemos “ecologizar” as disciplinas, isto é, levar em conta tudo o que lhes é contextual, inclusive, as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio elas nascem, levantam problemas, ficam esclerosadas. É necessário também o “metadisciplinar”; o termo “meta” significa ultrapassar e conservar. Não se pode demolir o que as disciplinas criaram; não se pode romper todo o fechamento: há o problema da disciplina, o problema da ciência, bem como o problema da vida; é preciso que uma disciplina seja, ao mesmo tempo, aberta e fechada (Morin, 2003, p. 105).

Reforçando o que afirma Morin, a conexão entre Eliane Potiguara e Siosi Pino revela que a interdisciplinaridade não se configura apenas como um conceito acadêmico, mas como uma prática viva que atravessa as experiências narradas pelas autoras. Em ambas, a literatura não se restringe ao campo estético, mas se entrelaça com a história, com a política, com a antropologia, com o direito e com a educação, compondo um tecido narrativo que dá conta de compreender o sujeito indígena em sua complexidade e totalidade.

Potiguara constrói uma escrita que ultrapassa o limite da autobiografia e se inscreve como gesto político, corpo em resistência e memória coletiva. Já Siosi Pino insere o leitor em uma travessia sensível pelos costumes, dores e silenciamentos impostos às mulheres *Wayuu*. Esse movimento aproxima as autoras no que tange à compreensão da identidade como algo dinâmico, relacional e atravessado por estruturas históricas de dominação, mas também por práticas cotidianas de re-existência.

A interdisciplinaridade, nesse contexto, surge como uma exigência epistemológica. Não é possível ler essas narrativas apenas sob o viés literário, pois nelas coexistem dimensões sociológicas, antropológicas, políticas e pedagógicas. Assim, a interdisciplinaridade que se manifesta nesses contos não é apenas uma junção de áreas do saber, mas um modo de existência

que se constrói na fronteira, na travessia e na recusa das fronteiras rígidas do conhecimento. Trata-se de uma prática que ecoa o pensamento de Edgar Morin, ao reivindicar um pensamento complexo, capaz de religar aquilo que a modernidade separou.

Dessa maneira, Potiguara e Siosi Pino constroem uma ponte simbólica entre Brasil e Colômbia, entre memória e dor, entre resistência e esperança. Suas escritas revelam que a literatura indígena feminina latino-americana é, em si, um território interdisciplinar, no qual se entrecruzam saberes, lutas, afetos e cosmologias.

CONCLUSÕES

As análises desenvolvidas ao longo deste artigo permitiram compreender que a literatura indígena feminina latino-americana não se configura apenas como manifestação artística, mas como espaço privilegiado de produção de conhecimento, de resistência política e de reconstrução identitária. Ao aproximar as narrativas de Eliane Potiguara e Vicenta María Siosi Pino, tornou-se possível evidenciar que a identidade feminina indígena se constrói a partir de experiências corporificadas, memórias coletivas e subjetividades marcadas por históricos de violência e silenciamento, mas também por gestos cotidianos de re-existência.

Potiguara, ao narrar sua trajetória em *Minha Pedra Verde*, inscreve no texto uma identidade que é simultaneamente individual e coletiva, íntima e política. Sua escrita é atravessada por uma memória ancestral que não se limita ao passado, mas se atualiza como força propulsora de enfrentamento às estruturas de dominação. Ao compreender a palavra como arma simbólica, a autora nos conduz à reflexão de que a literatura pode operar como instrumento de transformação social, especialmente quando produzida a partir de corpos historicamente marginalizados.

Da mesma forma, Siosi Pino, ao construir a narrativa de *Bonitica*, revela as marcas profundas deixadas pelo patriarcado e pelas tradições que, sob o véu da preservação cultural, legitimam práticas de violência e apagamento das subjetividades femininas. O conto evidencia a aniquilação simbólica da mulher *Wayuu*, ao mesmo tempo em que denuncia as estruturas que sustentam essa violência. Nesse sentido, a identidade que emerge não é uma identidade idealizada, mas fragmentada, ferida e, ainda assim, profundamente humana.

A interdisciplinaridade, ao longo desta análise, mostrou-se não apenas como um recurso metodológico, mas como uma necessidade epistemológica. As obras analisadas exigem um olhar

que ultrapasse as fronteiras disciplinares, uma vez que nelas coexistem elementos da história, da antropologia, da sociologia, do direito, da educação e da filosofia. Ivani Fazenda, Edgar Morin e Stuart Hall contribuem para a compreensão de que a identidade não é fixa, tampouco essencialista, mas construída nas dobras da cultura e do poder.

Ao longo deste texto, se tornou evidente que a identidade feminina indígena, tal como construída por Potiguara e Siosi Pino, não é apenas uma categoria analítica, mas uma experiência encarnada, atravessada pelo corpo, pela memória, pela dor e pela ancestralidade. Essas autoras demonstram que escrever, para as mulheres indígenas, é um ato de sobrevivência, de retomada de voz e de reinserção de si mesmas na história.

Conclui-se, portanto, que a literatura indígena feminina latino-americana constitui um campo potente de produção de sentidos, saberes e práticas decoloniais. Ela desafia os cânones e inaugura outras possibilidades de compreensão do mundo. Ao conectar Brasil e Colômbia, Potiguara e Siosi Pino nos ensinam que a interdisciplinaridade não é apenas um método, mas um modo de existir e resistir, capaz de religar aquilo que a colonialidade tentou fragmentar: o corpo, a memória, a palavra e o território.

A inclusão de autoras, como Siosi Pino, que possui 30 anos de carreira e ainda necessita de reconhecimento no Brasil, constitui uma ação concreta para combater o epistemicídio, pois ao mesmo tempo em que temos registro de dor, surge a potência da luta a partir da escrita, o que também encontramos em Potiguara: uma identidade que não se constitui apenas como um registro subjetivo, mas como um corpo-político.

Portanto, as obras de Potiguara e Siosi Pino consolidam-se como um vibrante território interdisciplinar, no qual os saberes e as lutas se entrecruzam para desafiar os silenciamentos históricos. Ambas as autoras transformam a literatura em um ato visceral de sobrevivência e retomada de voz, garantindo sua reinserção legítima na história. Assim, a escrita indígena feminina afirma-se não apenas como arte, mas como re-existência capaz de romper fronteiras disciplinares e semear uma justiça cognitiva que devolve aos povos originários o protagonismo sobre suas próprias narrativas e destinos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **IBGE**, 2022. Retirado de <<https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/assuntos/noticias/2024/10/ibge-divulga-novos-dados-do-censo-indigena-de-2022>>. Acesso em 04 de dezembro de 2025.

BERND, Z. **Literatura, memória e identidades plurais**: coletânea de textos produzidos entre 1975 e 2023. São Leopoldo, RS: Oikos, 2024.

DORRICO, J. (2018). **Vozes da literatura indígena brasileira contemporânea**: do registro etnográfico à criação literária. In: DORRICO, J.; DENNER, L. F.; CORREIA, H. H. S.; DENNER, F. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade**: história, teoria e pesquisa. 4. ed. Campinas: Papirus, 1994.

HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

MAEDA, Patrícia (Coord). **Diversidade**: direitos humanos para todas as pessoas /coordenação Patrícia Maeda. Campinas: SP. Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região, 2022.

MATOS, Gregório de. **Poemas escolhidos**. Seleção de José Miguel Wisnik. São Paulo: Cultrix, 1997.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**. Repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. Ed. Rio de Janeiro: Beltrand, 2003.

POTIGUARA, Eliane. **Minha Pedra Verde** in WAYRAKUNA: **Polinizando a vida e semeando o Bem Viver**. Aline Ngrenhatabare Kaxiriana Lopes Kayapó; Jamille da Silva Lima-Payayá; Arlete M. Pinheiro Schubert-Tupinambá, Coleção Retomadas, 2023.

SIOSI PINO, V. M. **No he vulto a escuchar los pájaros**. Riohacha, La Guajira: Colômbia. Editorial Fahah, 2021.

THIÉL, J. C. **Pele Silenciosa, Pele Sonora**: A literatura indígena em destaque. Belo Horizonte: MG. Autêntica, 2012.